

Entre história e memória: o doce Vale de uma aristocracia açucareira

JOSÉ EVANGELISTA FAGUNDES*

Introdução

Em *Imagens do Ceará-Mirim*, publicado em 1969, Nilo Pereira narra as lembranças retidas em sua fase adulta, construindo discursivamente uma Ceará-Mirim que gostaria que ficasse na memória dos mais jovens. Escrito em tom saudosista e melancólico, o livro, segundo o autor, não deve ser considerado como documento e nem como história, apenas como memória.

O livro, no entanto, mescla recordações pessoais com conteúdos provenientes de pesquisa de diferentes fontes, o que caracteriza o trabalho não apenas como memória, mas também de uma escrita com um certo grau de consciência histórica, não obstante a negação do autor.

Nilo de Oliveira Pereira, filho do coronel Fausto Varela Pereira e Beatriz de Oliveira Pereira, nasceu em 11 de dezembro de 1909 no Engenho Verde-Nasce, município potiguar de Ceará-Mirim. Aos treze anos de idade, deixa sua cidade e vai para Natal, a capital do estado, onde completa os estudos secundários. Católico fervoroso, torna-se vicentino no Ceará-Mirim e congregado mariano em Natal e em Recife. Depois de passar uma breve temporada no Rio de Janeiro, fixa residência definitiva em Recife a partir de 1931, onde cursa Direito. Tem uma vida intensa no meio intelectual de Recife e do Nordeste brasileiro, exercendo, entre outras, as funções de pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco, professor de história, historiador, jornalista e ficcionista. Exerce o cargo de secretário de educação do estado de Pernambuco e é deputado estadual por várias legislaturas. Morre na capital pernambucana em 23 de janeiro de 1992.

* Prof. Dr. do departamento de História da UFRN. O texto constitui-se em um fragmento da tese *A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim*, defendida em 2006 pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN.

Filho de família ligada à atividade da agroindústria açucareira, vive sua infância entre o Vale do rio Ceará-Mirim e a cidade do mesmo nome. Na fase juvenil, entretanto, época em que estuda em Recife, só se dirige a Ceará-Mirim durante as férias escolares ou, quando adulto, em visitas esporádicas. Da capital pernambucana, escreve vários trabalhos sobre sua terra de origem, inclusive o livro *Imagens do Ceará-Mirim*.

Em sua trajetória de vida, Nilo Pereira segue a tradição dos filhos da elite rural nordestina em se formar no Recife, de cujas faculdades e colégios emanavam discursos regionalistas que contribuíam para a formação de uma visão até certo ponto “comum” sobre o Nordeste brasileiro. Segundo Albuquerque Júnior. (2001), esses lugares, além de formarem os intelectuais tradicionais do Nordeste, serviam para sedimentar amizades e a troca de idéias acerca de política, economia, cultura e artes tanto em nível nacional quanto em nível dos estados. No discurso regionalista, há um certo cruzamento da crise social vivida pelos filhos dos proprietários rurais com o “problema regional” em que toda uma produção intelectual, sobretudo literária, influenciada pela sociologia de Gilberto Freyre, vai tentar equacionar a partir de um discurso comum.

A sociologia freyreana e a produção dos romancistas de 1930 têm na memória a matéria-prima fundamental de seus escritos. Através de suas lembranças, os romancistas reconstroem o Nordeste de suas infâncias, cujas relações sociais ou já não existiam mais, ou estavam ameaçadas.

Diante das incertezas postas pela crise que solapava as bases tradicionais do seu poder político e social, essa elite intelectual trabalha com a perspectiva de uma definição do Nordeste não apenas em seus elementos convencionais como o espacial, o geográfico, o econômico e o político, como também no que se refere às suas tradições, à sua memória e à sua história. É incentivado o amor à “pátria Nordeste”, estímulo que se irradiava de Pernambuco para outros estados, através dos futuros dirigentes das localidades, incluindo o espaço norte-rio-grandense.

Nilo Pereira segue essa trajetória intelectual e sua obra sofre uma forte influência dessa produção regionalista, contribuindo para a construção de uma representação homogênea do passado ceará-mirinese. Essa homogeneidade está expressa em vários aspectos, com destaque para alguns que exporemos a seguir.

A Ceará-Mirim de Nilo Pereira

Ceará-Mirim e o Vale são tomados como referencial e se constituem em um espaço da saudade. O autor fala a partir de um lugar privilegiado da sociedade à qual pertence, ou seja, do interior da casa-grande, de uma oligarquia rural ligada à produção de cana e de açúcar. Ceará-Mirim é lembrada de forma saudosista como um lugar idílico, encantado, marcado. A esse respeito, Albuquerque Júnior (2001) afirma que

A saudade é um sentimento pessoal de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si. A saudade também pode ser um sentimento coletivo, pode afetar toda uma comunidade que perdeu suas referências espaciais ou temporais, toda uma classe social que perdeu historicamente a sua posição, que viu os símbolos de seu poder esculpido no espaço serem tragados pelas forças tectônicas da história. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001: 65)

Imagens do Ceará-Mirim pode muito bem se inserir nas condições de sentimento postas acima, uma vez que o autor utiliza a memória pessoal como instrumento de construção de uma nova Ceará-Mirim, mostrando, da forma mais conveniente possível, a transformação de um mundo que vivia sob o desígnio de toda uma aristocracia rural. Há uma espécie de reconstrução desse mundo através de uma construção imagética que tenta se impor como referência aos atuais moradores. Esse gesto tem encontrado receptividade em vários espaços da sociedade local, poder executivo, mídia, instituições associativas e, sobretudo, nas escolas, que tomam para si a missão de perpetuar essa nova Ceará-Mirim construída através do livro. As palavras do professor Rui, ao se referir ao tipo de história local ensinada nas escolas de Ceará-Mirim, ilustram bem o uso que se faz do conteúdo desse livro:

Agora, ultimamente, [ano de 2002] nós tivemos a comemoração de mais um ano de emancipação política do município, foram 144 anos. E o que se ressalta sempre nas escolas é o que? Ceará-Mirim é a cidade dos grandes engenhos. E sempre aquela coisa repetitiva, as crianças toda vida têm aquela mesma informação, aquelas mesmas figuras, aquele mesmo discurso e colocam Ceará-Mirim como aquela cidade que produziu açúcar, uma cidade grandiosa, uma cidade maravilhosa; mas não há o processo analítico, não se tem uma contextualização dessa história. (RUI, apud FAGUNDES, 2006:159-160).

A memória se coloca, dessa forma, como instrumento e como objeto de poder. É um ato deliberado com o propósito de servir aos interesses daqueles que o executam.

O livro parte da memória pessoal que o autor tem da sociedade tradicional formada por uma aristocracia política e econômica ligada, como em boa parte do Nordeste, ao patriarcado rural encaixado nas terras molhadas do litoral nordestino e ao binômio casa-grande-e-senzala. Ao leitor, fica a sensação de que o autor, consciente da perda de um mundo ao qual não se retorna mais, deseja perpetuá-lo com a publicação de suas memórias. Através das recordações de infância, deduz-se a existência de um mundo caracterizado por relações idílicas, sem conflitos entre os grupos sociais.

Ceará-Mirim é lembrada a partir de uma perspectiva que inclui as imagens e os fatos que levam à construção de um espaço definido como: de tradições, escravista e açucareiro; de uma verdadeira “civilização” do açúcar, cuja sociedade era formada por sinhás e mães-pretas, senhores e escravos; de pioneirismo nos campos social, cultural e econômico; de uma nobreza inteligente, brava e generosa, cuja influência política e social extrapolava os limites municipais, projetando-se em nível provincial ou estadual e até nacional; de homens devotos a Deus e dedicados à terra Natal, que tratavam os escravos como “pessoas da família”; enfim, um espaço apresentado como “um novo paraíso sem o pecado original”, terra de abundância e opulência, cuja aristocracia, tanto no que diz respeito à política quanto ao seu estilo, tem espírito elevado por ter como referência o mundo europeu representado por franceses, ingleses ou mesmo portugueses. Isso fazia dessa aristocracia ligada à atividade canvieira um grupo especial, distinto, por exemplo, da pobreza material e espiritual representada pelos proprietários rurais ligados à tradição pecuarista.

A partir de uma idealização do passado, surge uma Ceará-Mirim nova, um espaço que existe apenas através de suas lembranças. Um lugar lírico, poético, que apesar da existência de escravos ou de serviçais em condições muito próximas dos cativos, não apresenta problemas sociais, nem conflitos entre senhores e escravos, pois os senhores são bastante generosos para com os mais humildes. No Vale, de onde brotavam “as mais altas canas” do Nordeste, “até a morte dos engenhos é rica, faustosa, hierática” (PEREIRA, 1969:35). É uma imagem idealizada de uma relação social em que de um lado encontrava-se o senhor paternal e generoso e do outro o servo fiel e dedicado. O jogo pelo poder parece se dar apenas entre os

extratos da elite proprietária. Sociedade escravocrata e patriarcal, sem a prática da concubinação e sem filhos bastardos. Uma Ceará-Mirim que contrasta com o resto do estado potiguar, por ser ela farta em recursos e riquezas, atitudes nobres e sapiência, onde os escravos recebem um tratamento especial.

Mundo em que já se previa desde a infância o papel que cada indivíduo ocuparia na sociedade, como mostra a frase “profética” de Adele de Oliveira, professora do então menino Nilo: “Nilo e Edgar serão bacharéis”. Assim como Nilo Pereira e Edgar Barbosa, nessa sociedade, o lugar social a ser ocupado por cada pessoa era definido previamente a partir do lugar ocupado pela família à qual se pertencia.

A obra traz uma narrativa que recompõe um passado “naturalizado” em que injustiça, escravidão, preconceito e opulência são vistos como algo inerente ao próprio tempo e não fruto de uma determinada condição social historicamente explicada. Passado em que a escravidão é vista como natural e Ceará-Mirim, um reino encantado, no qual Patuca e Tonha, escravas domésticas da família, são consideradas mitos, duendes, “escravas só no nome”.

Pereira se apóia em valores cristãos para expressar a não-defesa da escravidão, no entanto, chama a atenção para a necessidade de que “não se deve exagerar em termos falsamente históricos – ou o que é muito pior, à base de ‘histórias contadas’, quase sempre um tanto fantásticas – o regime de opressão, pois não raro, havia senhores de escravos que não os tratavam como coisa ou como simples objeto de compra e venda”. Tal fato, segundo o autor, “servirá, decerto, para atenuar o rigor com que, via de regra, se concebe a figura como que inquisitorial do senhor de engenho diante da escravaria”. Senhores não apenas de escravos e escravas, mas também de grande magnanimidade, conforme lembra o escritor:

[...] em meio a tanto sofrimento, nos velhos engenhos patriarcais havia quem soubesse tratar os escravos humanamente. Tonha e Patuca são figuras doces, quase angelicais, que Madalena Antunes Pereira fixou no seu livro “Oiteiro”. Sancha, que foi escrava no Verde-Nasce, era pessoa da família, muito lembrada por minha mãe. Nenhum sinal de escravidão nessas recordações amáveis, quando alguns desses anjos negros voltavam como que brancos pela pureza dos seus gestos e dos seus cantos (PEREIRA, 1969:115-116).

Esse mundo quase “fabuloso”, no entanto, causa um estranhamento ao leitor minimamente atento, uma vez que o próprio texto possibilita a percepção de uma sociedade

hierarquizada socialmente, assentada no binômio casa-grande-e-senzala, em que alguns homens e mulheres se impõem como proprietários de outros homens e mulheres. Mundo formado por uma minúscula aristocracia beneficiária da riqueza gerada por milhares de escravos e serviçais que viviam em condições subumanas. Sociedade cuja hierarquia nem a natureza escapa. Nela, as árvores, assim como as pessoas, têm almas distintas. As palmeiras imperiais, por exemplo, têm “a alma mais elevada” do que outros vegetais. Ao contrário do cajueiro de Pirangi¹, que se alastra pelo chão numa atitude de vassalagem, as palmeiras imperiais do casarão de José Inácio Fernandes Barros, em Ceará-Mirim, não se curvam, crescem para o alto em postura soberana, própria das rainhas, que jamais perdem a majestade (PEREIRA, 1969).

A Ceará-Mirim que surge dessa narrativa é construída a partir de um sentimento de perda que já não mais ostenta o *glamour* dos tempos idos em que os engenhos enchem o vale de riqueza, de ação, de progresso, originando com isso uma elite agrária esbanjadora dos poucos recursos provenientes do empreendimento açucareiro. Uma elite, de certa forma míope, por não perceber a sua condição efêmera imposta pelo mercado internacional, bem como dos desafios que teria pela frente, como mostra um relatório sobre o Vale do Ceará-Mirim de 1907, elaborado por Henrique Castriciano, então Secretário de Estado e incorporada ao próprio livro de Pereira,

Os nossos lavradores, extinta a escravatura e diminuído o preço do açúcar, não souberam resolver o problema que tinham diante de si e continuaram a plantar cana, pelos processos antigos, sem nenhuma noção dos recursos rurais modernos, sem o necessário espírito de associação que, por meio de sindicatos, os livrasse do intermediário ávido de lucros excessivos, que lhes emprestava dinheiro a juro de 18% ao ano capitalizáveis em seis meses, fazendo à vontade o preço do açúcar. (PEREIRA, 2001:150).

O relatório contrasta com a idéia contida no livro, segundo a qual no seio da aristocracia a inteligência e o espírito criador se sobrepõem à riqueza material. Em verdade, diante da crise pela qual passam os produtores de açúcar, a cidade e o vale são trocados por centros urbanos como Natal, Recife e Salvador. Isso porque os filhos da pretensa aristocracia

¹ O autor faz alusão a uma árvore localizada na praia de Pirangi do Norte no município de Parnamirim, vizinho a Natal, capital potiguar. Considerada a maior do mundo da sua espécie, a árvore se constitui em um dos principais cartões-postais do estado.

açucareira depositam toda a esperança em áreas cujas profissões são típicas da classe média, como medicina, advocacia e outras profissões que exigem uma formação de ensino superior para serem exercidas.

Nilo Pereira lembra o que lhes é interessante, promovendo para tal uma rígida seleção de suas “boas” recordações e “esquecendo” as recordações que poderiam ser comprometedoras. Em uma atitude própria de quem atribui para si o dever de lembrar, o escritor deixa ao leitor a convicção da existência, na obra, de duas memórias, uma revelada e outra oculta. Seria a obra *Imagens do Ceará-Mirim* uma tentativa de perpetuar por mais tempo uma dominação que a história já havia condenado ao fim?

Na concepção de Le Goff (1994), devemos nos preocupar com as intenções dos guardiões da memória, pois o fato de serem selecionados apenas determinados aspectos como memória de uma sociedade ou grupo já é suficiente para uma reflexão sobre o porquê dessa atitude. Os distintos interesses em jogo de uma sociedade refletem-se na luta dos grupos e indivíduos em fazer valer suas memórias. Ainda segundo esse historiador,

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e o silêncio da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1994:426).

Pereira escreve uma obra de cunho deliberadamente não histórico e por isso se apega à memória. O autor nasceu em dezembro de 1909 e 1910 representa a demarcação de uma época de crise definitiva para aqueles que vivem dos frutos da cana no município. Nessa época, portanto, já não há não mais dúvida de que a reluzente sociedade agrário-canavieira pertencia ao passado, e que o autor conhece e vive num meio social em que o poder se transfere, rapidamente, para aqueles que representam sobretudo os valores burgueses, ao contrário da impressão que ele tenta passar em seus escritos.

Situando-se em um espaço e tempo distante, o memorialista imagina o mundo decadente dos senhores de engenho como um mundo de encantos e de boas lembranças. Apesar de Pereira se propor a registrar imagens e lembranças pessoais de infância, o livro faz referências a temporalidades que são anteriores e posteriores a essa fase da vida. Ao se valer

de um tempo que é anterior a sua existência, o autor se apóia em informações retiradas de várias fontes documentais. Não é de seu tempo, por exemplo, a escravatura enquanto instituição, mas ela se faz sempre presente em seu texto. Portanto, apesar de ressaltar que sua obra se coloca no campo íntimo, sem pretensões de ser história ou ter valor de documento, ele a trata em vários momentos como tal (FAGUNDES, 2006).

Segundo Halbwachs (1990), um dos aspectos que diferenciam a memória da história é o fato de aquela se constituir em uma corrente de pensamento contínuo, preservando do passado apenas o que é significativo para o presente. Nesse caso, “a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta”(HALBWACHS, 1990:84). Esse sentido de grupo não significa unicamente a aproximação física dos integrantes, mas também a identificação afetiva entre eles. Enquanto na memória não há linha nítida de separação entre passado e presente, na história, ao contrário, há separação entre essas duas temporalidades, constituindo-se um dos seus objetivos o restabelecimento dessa continuidade interrompida. A memória coletiva, portanto, é o passado contido na prática dos grupos ou de comunidades inteiras.

A história, ao contrário da memória, é caracterizada pela crítica e reflexão e não está essencialmente comprometida com as questões consensuais; pelo contrário, estimula o conflito buscando uma representação crítica do passado. A operação intelectual em que se constitui a história tem uma relação diferente da memória em relação ao passado, como mostra Le Goff: “Ela não glorifica o passado, pois o que ela realiza é no mais das vezes a deslegitimação de um passado construído pela memória”. (LE GOFF, 1994:76-77) Nesse pensamento está implícita a idéia de que os conflitos de interpretação e o distanciamento crítico perante os fatos que compõem a memória são fundamentais no ofício de historiador, uma vez que esse profissional não deve se preocupar com uma explicação única e final dos fatos.

Entretanto, há que se ressaltar que apesar de na construção da memória se retirar apenas os elementos que interessam aos indivíduos ou aos grupos de interesses, ela, a memória, não se constitui numa farsa, cabendo ao historiador entender os motivos pelos quais determinados fatos são escolhidos ou esquecidos.

A memória é seletiva e mesmo tendo a função de lembrar, também promove, intencionalmente, o esquecimento, dependendo dos desejos dos indivíduos e dos grupos de interesse.

Diante de um tempo presente que lhe parece ingrato, Nilo Pereira constrói um espaço nostálgico e oferece aos seus conterrâneos em forma de imagens e memórias. Assim ele se dirige a uma turma de alunas concluintes de uma Escola Normal, futuras professoras:

[...] sabeis que o Ceará-Mirim é o seu vale, com seus antigos engenhos, onde se formou uma aristocracia política e econômica ligada, como em todo o Nordeste, ao sistema patriarcal, ao binômio casa-grande-e-senzala, que nos deu as linhas mestras da nossa formação social. Não seria esse o momento de fazermos a crítica desse sistema, cujos defeitos são os da própria época em que se realizou. Importa saber apenas que os engenhos foram centro de trabalho e de riqueza, onde uma aristocracia rural viveu dias de esplendor, mas onde também se lançou o destino do Ceará-Mirim, vinculado à cana-de-açúcar. (PEREIRA, 1969:122)

Segundo Albuquerque Jr. (2001, p.79), “o discurso tradicionalista toma a história como o lugar da produção da memória, como discurso da reminiscência e do reconhecimento. Ele faz dela um meio de os sujeitos do presente se reconhecerem nos fatos do passado, de reconhecerem uma região já presente no passado, precisando apenas ser anunciada”. Adverte, porém, Albuquerque Jr. (2007) que a história, ao contrário do discurso tradicionalista, não estaria comprometida com a memória e sim com o esquecimento, na medida em que ela está sempre pronta a desfazer imagens construídas e cristalizadas sobre o passado.

Considerações Finais

Pereira se apresenta como guardião da memória e produtor de saberes históricos, passando a ser referência para as novas gerações. O livro *Imagens do Ceará-Mirim* lembra em alguns aspectos os trabalhos corográficos difundidos no Brasil através das seções estaduais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Nele, o escritor exalta a beleza paisagística do lugar, as qualidades das pessoas e das coisas, a ordem reinante. A sociedade a qual se remete, reivindicada como patriarcal e aristocrática, é apresentada como modelo ideal de

sociabilidade, fruto apenas de uma determinada época, não sendo assim conveniente criticá-la a partir dos valores posteriores.

O autor se entrega à tarefa de construção de uma identidade para sua terra natal, cuja concepção se baseia em valores que são representativos apenas de parcela do segmento social ao qual ele e sua família pertencem, mas que é apresentada como se fosse de toda a sociedade. Seu interesse em trazer até o presente certo tipo de passado leva-o a fazer uma seleção daquilo que deve e do que não deve ser recordado. Assim, qualquer olhar crítico lançado sobre o passado ao qual seus ancestrais pertenciam é visto como algo indesejável. Dessa forma, agarra-se às memórias na tentativa de que tal sociedade imaginada não venha sucumbir diante das gerações presentes e futuras.

Referências

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado.** Ensaios de teoria da história. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval M. **A invenção do nordeste e outras artes.** São Paulo: Cortez, 2001.
- FAGUNDES, José Evangelista. **A história local e seu lugar na história: histórias ensinadas em Ceará-Mirim 2006, 194 f.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas/SP: Ed. Unicamp, 1994.
- PEREIRA, Nilo. **Imagens do Ceará-Mirim.** Natal: Fundação José Augusto, 1969.